

VÁRIA

Fíbulas Romanas de Longroiva

Os três objectos da fotografia foram encontrados no decorrer de uma modestíssima investigação histórica que iniciei em Longroiva, em Agosto de 1947.



Apareceram a uns 100 metros do local onde se diz ter sido outrora um crasto romano, talvez a primitiva Longóbriga, e encontravam-se relativamente à superfície (à profundidade do sulco de um arado), sendo de prever que ali fossem dar devido ao desprendimento de terras.

O curioso do achado reside no facto das três peças se prestarem a um fim comum: fechar os vestuários. Como vemos, a primeira delas, pertence ao tipo da «antiga fíbula circular do norte» estudada por José Fortes ⁽¹⁾. O arco é roliço, liso, aberto,

(1) *Arqueólogo Português* (Vol. IX).

com as extremidades levemente decoradas. O fuzilhão é cónico, rombudo, um pouco maior que o diâmetro do arco, seguro ao aro por um anel suficientemente largo para permitir o seu fácil deslizamento ao longo deste.

Como seria utilizada esta fivela? Mais do que um objecto de adorno, ainda hoje persiste no norte da África e as marroquinas que muito o usam, servem-se dele para prender os mantos. Por meio do fuzilhão atravessam as duas pontas que pretendem unir e, depois de o terem feito passar pela abertura do aro, fecham-na premindo-o com os dedos. As duas pontas do manto ficam assim presas, não se separando enquanto o aro não for de novo aberto. Fivelas idênticas são as de Briteiros, Sabroso, Pedrulha, Conímbriga, Numão, etc.

Talvez a origem destas fíbulas não seja tão remota como se pretende.

Vejamos a segunda fíbula. É muito decorada. Aparece-nos dentro de um círculo em relevo um busto romano. É interessante este objecto e pena é que não esteja completo, pois falta o anel onde o gancho devia prender.

Compõe-se de duas partes distintas em cadeia. A parte que possui o busto é dividida a meio da sua espessura (embora a fotografia o não revele) em duas faces destinadas a receber a extremidade da correia de cabedal. O pequeno orifício que ali se nota devia ser atravessado por algum espigão que unia as faces e prendia a correia. É também de cobre com uma bela pátina verde.

Finalmente, o último objecto é um botão semelhante a um de nossos dias, dos usuais em fardas, com a diferença de ser em cobre e coberto de uma pátina verde como a das outras duas peças.

ADRIANO VASCO RODRIGUES.

(Foto do arqueólogo Edgar Hennor).

A Quinta-feira de Ascensão em Portugal

A Quinta-feira de Ascensão, que marca o final do ciclo dos quarenta dias inaugurado com a Páscoa, compreende, em Portugal, além das cerimónias religiosas da liturgia cristã — e por vezes com elas relacionadas por determinados elementos —, certas práticas específicas e tradicionais, que parecem constituir fragmentos de complexos mágicos, cuja textura completa e significado preciso aparecem apenas em alguns casos raros.